



GT 11. Antropologia das Práticas Juvenis

Coordenador(es):

Frank Nilton Marcon (UFS - Universidade Federal de Sergipe)

Mylene Mizrahi (PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

O presente GT tem como objetivo reunir trabalhos resultantes de pesquisas em conclusão ou em andamento, que tenham como foco de investigação as práticas juvenis em suas mais diversas expressões. Mudanças sociais, políticas e culturais ocorridas no ocidente, especialmente na segunda metade do século XX, produziram alterações significativas nas subjetividades juvenis, promovendo mudanças no conjunto das experiências que por muito tempo definiram os sentidos de “ser jovem” e “ser adulto”. Atualmente, as pesquisas antropológicas tem lançado mão de diferentes abordagens teóricas e metodológicas para a compreensão das práticas juvenis, das quais se destacam a influência das teorias da agência, dos estudos sobre performativity, das abordagens disposicionalistas, como também de uma releitura dos Cultural Studies. Desse modo, fazer uma antropologia das práticas juvenis em nosso atual contexto, trata-se não apenas de estar atento às mudanças nos repertórios de sentidos acionados pelos/as jovens, como também de se abrir para possibilidades interpretativas advindas de outros campos do saber. Serão aceitas para o debate nesse grupo de trabalho, pesquisas, especialmente etnografias, que se dediquem ao estudo das práticas juvenis a partir de diferentes temas, tais como: sociabilidades e territorialidades; gênero, sexualidade e relações étnico-raciais; educação, trabalho e profissionalização; arte, estética e performativity; entre outros

Graffiti: A arte que vem dominando os muros de Fortaleza ? Uma discussão sobre os festivais e oficinas na cidade.

Autoria: Caio Martiniano de Brito Baima (Estudante), Prof.Dr. Marco Aurélio Paz Tella

Apreciando o contexto fortalezense, explorando as manifestações artísticas e culturais, percebemos uma quantidade relevante de eventos relacionados à arte-grafite. O papel do antropólogo ao realizar o work de relatar sua pesquisa é, em primeiro plano, distinguir aquilo que aqui denomino ações autônomas, ou seja, aquelas articuladas e oferecidas pelos próprios artistas locais, daquelas oferecidas pelo Poder Público, compreendendo o valor e a expressividade que ambos os tipos de eventos podem ter. Lemos aqui Poder Público em duas vertentes, o Governo do Estado do Ceará e a Prefeitura Municipal de Fortaleza. É necessário, ao pesquisar jovens grafiteiros, olhar para as faces de intervenção do Estado ante as ações desses sujeitos, pinturas de murais, atos de intervenção etc. Aqui proponho observar esse Estado sob duas perspectivas: aquele que surge enquanto facilitador, fornecendo espaços, promovendo eventos e por outro lado aquele que aparece como limitador, que coíbe ou promove retaliação, que, portanto, veta de alguma forma esse tipo de produção artística. É preciso, sob o amparo antropológico, trazer nesse momento, essa discussão a partir dos argumentos apresentados pelos interlocutores, dessa forma, através dos diálogos e entrevistas com os grafiteiros de Fortaleza. Nesse ponto, além das coletas de produções acadêmicas que tratam do assunto, apresentarei e discutirei relatos de artistas que participam de eventos e festivais, a exemplo do Concreto (oferecido pelo Estado por meio de edital), Musas nos Muros (evento autônomo com participação exclusiva de mulheres no bairro do Bom Jardim), Sopa das Letras (atividade autônoma na comunidade das Barreiras onde os artistas distribuíram comida e pintaram murais). Tentarei, portanto, remontar a história e a conjuntura na qual esses eventos foram moldados, da mesma forma haverá uma tentativa de relatar casos em que os interesses do Estado entram em confronto com o dos artistas, tratando especificamente de repressão policial, cancelamentos de eventos, falta de verba etc.



Reunião Brasileira de Antropologia

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: